

## REUNIÃO NACIONAL DE CULTURA (2)

### O papel da cultura no processo revolucionário

De 25 a 30 de Julho, promovida pela Direcção Nacional de Cultura, realizou-se em Maputo uma Reunião Nacional de Cultura.

Na abertura da reunião o Ministro de Educação e Cultura definiu como objectivo central do encontro «que os responsáveis provinciais se pudessem sensibilizar mutuamente sobre o papel que eles devem desempenhar para a implementação da política cultural definida pelo Partido». Se porque, postas as coisas assim é difícil dizer se esse objectivo foi ou não atingido — só a prática desenvolvida a partir de agora por cada um poderá dizer se eles saíram ou não «sensibilizados» — factores diversos — ligados aos próprios trabalhos da reunião — conduziram-nos a pensar que na globalidade esse objectivo não foi atingido. Isto apesar de em relação a alguns sectores particulares referentes a esta ou aquela expressão artística se terem chegado na reunião a algumas orientações que, realizadas, ou postas em execução, poderão dar alguma contribuição para o avanço do processo no seu todo.

Esses «factores diversos, ligados aos próprios trabalhos da reunião» — relacionam-se quantitativa e qualitativamente com a pouca participação e a pequena contribuição dada por esses responsáveis provinciais durante os trabalhos da reunião. A grande maioria das participações nos debates foi em qualquer deles, dos responsáveis ao nível das estruturas centrais ligadas à Direcção Nacional de Cultura ou de outros participantes, que não os responsáveis provinciais. Destes só intervieram os chefes das delegações, quase sempre quando solicitados a dar relatório sobre este ou aquele aspecto do seu trabalho.

Também no seu discurso de abertura (que não foi adoptado pela Direcção Nacional de Cultura como documento de análise na reunião) o Ministro de Educação e Cultura havia feito um apelo para que «os debates fossem objectivos, baseados nas nossas realidades, para poderem responder aos nossos problemas concretos, na fase de desenvolvimento em que nos encontramos».

A pouca participação dos delegados provinciais, e a sua dificuldade em, mesmo quando directamen-

te solicitados, exporem bem (completamente) a situação e as experiências das províncias (e, portanto do país) tornou naturalmente muito difícil o assentar dos trabalhos em bases concretas, como havia sido solicitado, e era exigível. Isso impediu a construção de uma visão completa da realidade, de uma síntese rica. A falta dessa síntese rica e o pouco aprofundamento de aspectos de fundo, de aspectos ligados a teoria, eram factores naturalmente impeditivos de se chegar a definições seguras, à visualização colectiva dos caminhos a seguir. E essa é condição imprescindível para a «sensibilização» (interiorização).

Um outro aspecto que, à partida, antes de tentarmos reportar e analisar cada um dos debates, pensamos terá contribuído para dificultar a realização plena dos objectivos da reunião, foi o compartimentalismo com que foram abordados os diversos temas.

Logo no primeiro dia estudou-se, de manhã «o que é cultura», à tarde «o papel da cultura no processo revolucionário». Embora o responsável pela apresentação dessa segunda parte tivesse na sua introdução ao debate procurado fazer com que ela fosse uma sequência lógica, um desenvolvimento da primeira parte (o que é cultura) essa perspectiva não foi compreendida, essa atitude não foi praticada pela totalidade dos representantes.

Não tendo compreendido a coisa assim, tudo o que foi dito nesses primeiros debates — que deveria ser desenvolvido cada vez mais, e progressivamente, no debate que se lhe seguiu de cada um dos temas particulares — foi como que esquecido. O particular foi sucessivamente discutido sem ter em conta o geral, os princípios de fundo, a necessidade de os desenvolver.

Depois de se ter abordado o tema «o papel da cultura no processo revolucionário» discutiu-se cada uma das expressões artísticas (música, dança, teatro, artesanato, literatura, artes plásticas) para se discutir, por exemplo, o papel da arte, na cultura, e nesse mesmo processo revolucionário. Sem se ter

discutido o papel dos «artistas» de um modo geral, muitos outros aspectos gerais.

Antes de se discutir tudo isto, e mesmo no que respeita a cada uma das expressões artísticas em particular, tarefas a desenvolver em relação a cada uma, discutiu-se o problema das «casas de cultura». Porque feita também bastante em abstracto, sem ter em conta «o que há a fazer», essa discussão tornou-se bastante difícil, burocratizou-se. E foi talvez a responsável porque os trabalhos se não encaminhavam no sentido que pensamos lógico e correcto, o que apontamos acima — que cada uma das discussões fosse um aprofundamento da anterior, um enriquecimento, em última análise, da questão central — que era sem dúvida «o papel da cultura no processo revolucionário».

Esses e outros factores inerentes aos trabalhos de desenvolvimento de cada um dos temas propostos — que procuraremos transmitir enquadrados no apontamento sobre cada um dos debates — conduziram a que a elaboração das sínteses finais (onde era preciso ou rigoroso trabalho de separação do

principal do secundário, onde era preciso procurar, e muitas vezes não seria possível encontrar o aprofundamento e a sistematização de certas questões principais) se tornou uma tarefa particularmente difícil. Como resultado a grande maioria das sínteses não pôde ser aprovada na sessão de encerramento, senão com um voto de confiança para que novas comissões de redacção (onde já não participariam os responsáveis provinciais) as rescrevessem.

Isto não só porque não reflectiam os debates havidos, como também porque expressavam nalguns casos erros e, até desvios em questões de fundo.

Ainda em todo este contexto, e como sinal de que o aprofundamento dado às questões nos debates não foi suficiente, aconteceu na sessão de encerramento, para aprovação das sínteses, levantarem-se participantes para pôr em questão ou tentar voltar a discutir problemas de fundo.

Não foi também possível a apresentação do relatório final da reunião na sessão de encerramento.

## O QUE É CULTURA

A primeira sessão de trabalhos da reunião constou do debate do tema de base «o que é cultura». Coordenava o debate o Ministro de Educação e Cultura, Graça Machel, que o abriu com o pedido de que todos e cada um dos participantes deveriam expor a sua concepção de «cultura» antes que a mesa intervisse. O objectivo era, explicou, evitar qualquer atitude dirigista, pela imposição à partida de uma linha de pensamento que, consciente ou inconscientemente condicionasse as intervenções. Cada participante deveria expor ideias, tentando sempre enriquecer as intervenções anteriores, até que em conjunto se chegasse a uma concepção comum e o mais ampla e completa possível.

Embora em termos quantitativos a participação tivesse sido boa, quando analisada em termos qualitativos, a forma das intervenções demonstrou não haver sido compreendido o método proposto.

Em vez de procurar analisar cada uma das intervenções que iam sendo feitas para as procurar corrigir no que fosse correcto e enriquecer com a sua contribuição, a maioria dos participantes ficaram todo o tempo concentrados na construção individual da «chave» para o problema, na preparação de uma «definição» completa de cultura. Isso ficou evidente pela repetição constante de aspectos já focados (correctos ou incorrectos) e, essencialmente pela maneira como foi desprezada uma contribuição que, pouco depois do início do debate, se tivesse sido aceite o poderia ter tornado muito mais produtivo.

Essa proposta foi de que (não a confundamos com qualquer atitude dirigista, que contrariasse também o método proposto) simplesmente se encontrasse um ponto de partida para o debate, e que esse ponto de partida deveria ser o homem.

A contribuição logo a seguir a essa foi de que para chegar à visão do que era o

homem moçambicano se deveria ir estudar os costumes de cada tribo «porque essa é a base de onde viemos»... Proposta essa que era acrescida de que «não sei se é tabu discutir nesta base»...

Porque embora não desenvolvida a partir dessa base mínima de tomar o homem como ponto de partida a discussão não seguiu um processo dialéctico de enriquecimento (que conduziria, estamos convencidos, a uma plataforma de unidade de pensamento muito mais eficaz e definitiva) porque em termos quantitativos a participação foi, como dissemos acima, grande, foi possível obter muito material para a construção de um consenso.

Assim foi dito:

— que a Cultura é o bilhete de identidade de um povo perante os outros povos.

Aquilo que o identifica e o diferencia dos outros povos.

- que Cultura era a maneira de ver e julgar aquilo que nos rodeia
- que Cultura era a roupa que vestíamos, a maneira de arranjar a mesa, a comida, o modo de cultivar, o comportamento, as crenças e instituições, a civilização
- que Cultura é o modo como o homem concebe a natureza e discute com a natureza, a maneira de a interpretar
- que a Cultura resulta da influência do meio ambiente, dos problemas que rodeiam
- que Cultura é o espelho de um povo, a trajectória da sua vida
- que a Cultura depende da realidade económica, das relações entre o homem e a natureza, reflecte a cada passo que atravessa um povo
- que a Cultura é determinada pelo desenvolvimento das forças produtivas
- que a Cultura se transforma consoante a experiência e o grau de conhecimentos que ajudam o homem a compreender a natureza, a história e as transformações sociais
- que só há duas culturas: a da burguesia e a proletária
- que não é verdade só haverem duas culturas, porque antes do colonialismo não havia proletariado e havia cultura. Que portanto os dois tipos de cultura seriam: empírica e científica
- que Cultura é a maneira de trabalhar e de pensar
- que Cultura não é só dança, mas também literatura e arte
- que Cultura é história
- que na definição de Cultura não devemos ignorar de onde viemos, aquilo que ganhámos na luta armada, e nessa própria actualidade política e social, a experiência dos outros povos e a posição de classe
- que a base da cultura é o trabalho, o modo como o homem se organiza
- que na Cultura o factor económico é determinante
- que Cultura é tudo o que faz com que o homem não seja um animal irracional
- que Cultura é o modo como o homem se organiza para atingir a sua libertação
- etc, etc.

As intervenções enquadravam-se em vários planos — o que é cultura, o que determina a Cultura, o que é cultura moçambicana, que tipos de cultura, etc.

Isto embora a meio dos debates o Ministro de Educação e Cultura ter apoiado reforçado a ideia de que se deveria de

facto tomar como ponto de partida o homem, o homem moçambicano, que se deveria ligar a partir daí a ideia de cultura à história, desde quando nos definimos como homens moçambicanos. Isto sem fugir à realidade económica, sem fugir às relações como cresce, porque fazes dessa.

«Devemos partir do homem nas situações no processo histórico, ver em cada fase como o homem se relaciona com a natureza, com os outros homens, como cresce, como se desenvolve, como se define como moçambicano de hoje»

Propondo-se no fim do debate fazer o consenso das contribuições, o Reitor da Universidade Fernando Ganhão—que também participou — resumiu-a assim:

«O consenso geral é de que há um confronto dialéctico entre o homem e a natureza. Desse confronto nascem as sociedades, evolui o homem, constroem-se as supra-estruturas ideológicas.

A discussão teve o mérito de ao falar-se de cultura não se terem resumido os participantes a falar de artes.

Estão dentro da definição de cultura a habilidade, a capacidade adquirida pelo homem em encontrar formas no trabalho de transformação da natureza, na utilização da natureza. As relações entre os homens, os determinismos geográficos».

Que para desenvolver o tema deveríamos partir do homem. E tentar responder a questões como estas: Mas do homem como isolado ou integrado na sociedade? E essa sociedade? Já temos na nossa sociedade consenso da unidade nacional? Que sociedade é Moçambique? Com todas as heranças tradicionais e do colonialismo. Podemos estudar Cultura em Moçambique com a existência de todas essas limitações?

Qual é a função da cultura dentro do processo revolucionário?

E que: Temos que estudar a experiência da Luta Armada de Libertação Nacional. Como durante a Luta se fez a amálgama de todas as culturas. Que essa vai ser a base da unidade nacional, não alienadamente, não repetitivamente.

Que porém, o objectivo do encontro não era encontrar uma definição de cultura, pois que qualquer definição seria limitativa. Que o somatório das contribuições havia deixado em todos uma concepção sobre o que é Cultura.

Ainda no fim do debate o Ministro de Educação e Cultura voltou a usar da palavra para dar então sua contribuição. Foi quando defendeu que:

- o homem e o ambiente têm papel importante na definição do que poderá

ser Cultura

- quando o homem se situa num ambiente tenta encontrar resposta para as suas necessidades concretas (como se alimentar, como se defender, como se vestir, como manifestar a sua alegria, etc). Ao experimentar as respostas para essas necessidades vai formando a sua concepção.
- não vamos ignorar a existência de tribos, que isso não é nenhum tabu, mas uma realidade histórica. Os nossos antepassados viviam em regiões pequenas, conheciam mal e hostilizavam as pessoas que não tivessem os mesmos hábitos. Tudo isso criou a ideia de que a tribo era uma sociedade. O colonialismo português ao oprimir e explorar todas as tribos, fez gerar novas concepções. A concepção de moçambicano aparece a partir do momento em que tem um instrumento de unidade que desfaz a tribo.
- a criação da FRELIMO é um fenómeno cultural. É a FRELIMO que faz nascer o conceito de Nação ao definir que com a unidade de todos os moçambicanos contra a colonização seria possível lutar e sair vitorioso
- a Luta Armada trouxe por sua vez uma concepção cultural diferente. Foi portanto nos problemas concretos que se nos puseram para expulsar o colonialismo português que tivemos que criar as concepções de unidade, de nação, de povo.
- hoje, independentes, uma vez definido o que queremos fazer, começamos a criar outros valores culturais. A aldeia comunal é um fenómeno cultural. Como nos organizamos na aldeia comunal, como nos dirigimos por nós próprios vão nos dando novas concepções culturais. A direcção colectiva. A libertação da mulher (que agora também pode dirigir, planificar, é um ser social igual ao homem. É um fenómeno novo para a maioria de nós. É um fenómeno cultural, dá-nos novas concepções. Os conselhos de produção (que são um processo de educação dos trabalhadores para orientarem e controlarem o seu trabalho, é um fenómeno cultural, dá-nos novas concepções. Antes só concebíamos a direcção de uma empresa por uma pessoa saída de uma universidade. Um operário constatar que eu, operário, também posso dirigir, posso controlar, qual a sua capacidade como homem, cria novos valores culturais)
- a nossa luta pela sobrevivência, para criar uma economia forte, para que liiguemos a nossa luta à luta de outros povos, das classes trabalhadoras de todo o mundo, a definição de quem são

os nossos amigos, e de quem são os nossos inimigos, educam-nos para a abertura de que fora da nação existem todos os outros povos, dá-nos novas concepções

— todas estas novas concepções nos dão uma nova consciência, que nos faz pensar de outro modo o que é o universo, o que é a vida, como o homem aí se situa, qual o papel do homem, qual o papel da ciência, qual o futuro, o que é necessário criar desde já, o papel do trabalho organizativo, do trabalho colectivo, etc.

#### O PAPEL DA CULTURA NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO (A)

A segunda sessão de trabalho desta reunião nacional debruçou-se, como dissemos, sobre o papel da cultura no processo revolucionário, e teve como ponto de partida uma palestra, orientada pelo responsável no sector formação de quadros do MEC, Gideon Ndove. Porque foi onde se aprofundaram mais aspectos teóricos e de análise, dela publicaremos longos extractos. Gideon Ndove dividiu a sua palestra em duas partes, separadas por um levantamento de questões não totalmente compreendidos pelos participantes, onde por sua vez aprofundou mais alguns aspectos. Nesta edição publicamos extractos dessa primeira parte, e dessas questões aí aprofundadas. Na próxima, concluiremos a reportagem sobre este debate com o resto da palestra, e o resumo das principais questões levantadas.

A apresentação do tema começou, como também já havíamos referido, pelo desenvolvimento do tema anterior.

Depois de dizer que a tarefa de falar no papel da cultura teria sido facilitada se no desenvolvimento do tema «o que é cultura» se tivesse chegado a uma concepção geral, disse que a noção de cultura é variável — muda em função do carácter da luta, da sociedade que serve e da classe social que está em questão — e que a posição que cada um toma em relação à questão é uma posição ideológica, de classe. Referindo-se ao debate dessa manhã ele disse que ao tentarem chegar a uma concepção de cultura, ela era para uns uma questão de definições, para outros uma questão de um sector da nossa vida (a nossa vida intelectual) e ainda para outros uma questão de economia (vida material).

«O homem de que dizíamos se devia ter partido não é um homem abstracto, é um homem vivo. E não é simplesmente um (homem moçambicano), é um moçambicano (trabalhador).

Passando depois a definir os ângulos

diferentes com que, como se tinha verificado, a Cultura tinha sido criada, disse:

«Uma concepção é idealista, metafísica — tenta fazer do homem uma nação, ou uma linguagem, ou um animal racional, uma coisa que está de passagem pelo mundo para amanhã ir viver noutra mundo no «além». É essa concepção de cultura que torna o homem como uma coisa a ser manipulada. Uma concepção indiferente do conceito de classe. É uma concepção que defende uma classe dominante, da burguesia. A concepção de homem é como a concepção de Cultura, fundamental para inserirmos com clareza o seu papel no processo revolucionário.

Pela outra concepção toda a nossa história é um processo de transformação de todo o mundo, em cujos limites o homem transforma a natureza, e ele se transforma simultaneamente a si próprio. É a que vê o homem como um mundo de homens — o Estado e a Sociedade. Encarar o homem desta maneira é tentar vê-lo no seu verdadeiro sentido — no sentido materialista. Esta concepção não reduz o homem a produto da natureza ou a produtor da natureza, mas coloca o homem em relação dialéctica, coloca o homem na sociedade».

Sobre as relações cultura/natureza:

«A cultura é uma parte real da história da natureza. Quando se fala do homem e sua história também se está a falar da história da natureza. Quando falamos do homem e sua história estamos a pensar no trabalho que o homem realiza na natureza, enquanto também um elemento da natureza, ele próprio».

E, neste contexto noutra parte:

«A relação do homem com a natureza faz-se de uma forma específica, que permite que a natureza e os homens se convertam em mundo humano».

Passando depois a falar directamente no papel da cultura disse:

«Para entendermos correctamente o papel da Cultura no nosso processo revolucionário importa saber a unidade do nosso trabalho cultural com o processo revolucionário em todo o mundo. Há três processos revolucionários no mundo actual: o processo revolucionário do socialismo mundial, o movimento proletário internacional e o processo de luta de libertação nacional. Esses três processos formam uma unidade. A nossa Cultura não se insere num processo revolucionário isolado, mas sim dentro desse conjunto de unidade».

E, desenvolvendo outros aspectos fundamentais:

«A questão central é saber a função social e política da Cultura. A Cultura varia nas diversas fases ou etapas de de-

envolvimento. Em Moçambique a Cultura era para nós simplesmente (manifestações culturais (dançar e cantar). Essa visão limitada de Cultura tinha também a sua função — permitir explorar o nosso povo. O colonialismo, ao deixar-nos dançar e cantar em nome da Cultura, fechava as portas ao nosso desenvolvimento cultural.

Hoje em dia são os colonialistas, os imperialistas, que nos dizem que «dançar e cantar, isso não é cultura».

No I Seminário Cultural (realizado em Tunduro, Massonha, em 1971 e 72) concluiu-se:

«É já tempo da FRELIMO organizar o trabalho artístico como parte da luta política e militar pela Liberdade». Uma característica fundamental da FRELIMO foi lutar pela importância que sempre deu à Cultura.

Através da nossa vida social, da nossa prática, nós verificámos que não há povos sem cultura.

Uma tarefa significativa da Reunião moçambicana é inspirar o desenvolvimento da cultura moçambicana, tornando-a nacional, popular e revolucionária. E as motivações que levaram o Partido nas várias fases a utilizar a Cultura como uma arma importante, como uma arma poderosa, uma arma política, foram tornar a vida do homem mais humana, tornar a vida do homem mais ligada com a natureza. Ligar a vida do homem à natureza não significa tornar o homem mais «simples», mais «primitivo», significa o homem utilizar a natureza para criar os bens materiais e espirituais que precisa para a sua existência.

Por isso a Cultura engloba esses domínios — primeiro, o domínio material (domínio material no seu sentido amplo, que significa a economia, tudo o que o homem cria, que é um produto que se pode palpar e ver. Al poderíamos dar uma lista sem fim: as casas, a roupa, a comida...). Em segundo lugar, o domínio espiritual, que às vezes alguns chamam o domínio intelectual (que são todas as obras que caracterizam o sentimento, o comportamento, as aspirações, os ideais, as ideias, teorias e planos...)

Já no debate dessa primeira parte da palestra, em resposta a questões que lhe iam sendo postas, Gideon Ndove desenvolveu alguns dos pontos já focados. Sobre a necessidade de ligarmos o desenvolvimento da nossa Cultura ao movimento revolucionário mundial, acrescentou:

«Se encaramos a nossa cultura sem a inserir no processo revolucionário estaremos a encorajar o nacionalismo estreito. Se pelo contrário o fizermos estaremos a habilitar-nos a enriquecer-nos com a experiência, riqueza cultural de todos os po-

vos. O princípio da liberdade, o princípio do respeito mútuo e o princípio da paz— que caracterizam esse movimento revolucionário mundial—afastam qualquer perigo de «imposição» de seus valores aos nossos.

Sem dúvida que há de país para país, mesmo entre os países socialistas como entre os países recém-libertados como o nosso, como mesmo entre os movimentos de libertação, diferenças. Essas diferenças correspondem ao desenvolvimento das forças produtivas em cada país, dependem do desenvolvimento económico. Mas, para além dessas diferenças, há unidade de objectivo — criar um homem único, um homem livre.

O nacionalismo verdadeiro só é nacionalismo verdadeiro quando intimamente ligado ao internacionalismo proletário. O patriotismo e o internacionalismo proletário são uma expressão concreta da unidade clara entre o trabalho de uma cultura, que já não é tribal, sectorial ou regional, mas assimilou-se em aspectos nacionais e internacionalistas.

A nossa cultura é uma Cultura nacional, popular e revolucionária, e aspira a ser uma Cultura socialista».

Sobre a questão de pôr a política no comando, desenvolveu:

Para pôr a política no comando é prioritário desenvolver a ofensiva na frente de produção, que significa na frente da economia, na frente material. Essa prioridade tem também grande importância no desenvolvimento da cultura.

A agricultura é a base do nosso desenvolvimento na fase actual, para a criação da nossa cultura. Da agricultura nascerá a indústria. E a indústria para nós é uma relação histórica entre os homens com a natureza e das ciências naturais com o homem. É a indústria que permite concretizar as aspirações do povo. Daí que a agricultura é a base e a indústria o factor dinamizador, e o são também para o desenvolvimento da Cultura.

Essa maneira de abordar a Cultura tem outras consequências — permite compreender, por exemplo, porque é que a alfabetização é uma acto cultural. Para desenvolver a agricultura, a indústria, impõe-se a utilização da experiência rica da humanidade, adquirida durante séculos de luta. Para os adquirir é necessário adquirir primeiro os fundamentos de ciência básicos, que permitam ao povo participar activamente. Não é por isso por acaso que o MEC abre tantas escolas, faz reciclagem, forma monitores — para elevar o nível cultural do povo».

Sobre o que será o homem novo:

«O homem novo para nós, nesta fase da Revolução Democrática Popular, é um homem com a personalidade socialista, com uma visão científica do mundo, baseada nos princípios do marxismo-leninismo. O papel da Cultura é para nós o de uma arma fundamental para a libertação do homem de toda a herança colonial e capitalista. Há outras armas, como a educação, a ideologia, mas a cultura é fundamental, porque se insere em todas as actividades do homem.

Mas, a cultura desenvolve-se. É uma arma orientada ideológica e politicamente pelo Partido de vanguarda — pela FRELIMO, neste contexto.

Um outro aspecto importante é que a nossa Cultura deve cessar de ser uma cultura tribal. Foram criadas as condições, e com a criação da luta na frente da produção criam-se diariamente condições, para que a cultura perca todos esses seus elementos negativos e assimile todos os aspectos positivos.

Quais são os aspectos positivos? São os que valorizam a unidade do povo, contribuem para o fortalecimento da unidade de todo o nosso povo, do nosso povo com todos os povos que lutam pela liberdade e contra o imperialismo.

A nossa concepção do mundo desenvolve-se num caminho científico. Habitar o espaço entre o Rovuma e o Maputo deixou já de ser condição para uma pessoa ser moçambicana, não chega já. É através da nossa ideologia que nos identificamos. E é através da Cultura que se valoriza e desenvolve a nossa ideologia.

A construção das aldeias comunais é um acto cultural importante. Na sua construção já se fala do tipo de casas a construir, da maneira de construir — isso criamos de novo, faz de nós novos homens, os novos moçambicanos. A arquitectura em si da aldeia comunal — a escolha dos lugares onde vamos ter a escola, onde vamos ter o hospital, onde vamos dançar — são actos culturais».

(De: "Tempo", Maputo, (357) 1977-08-07)